

**A PARÁFRASE DISCURSIVA
QUE ATRAVESSA AS ESTÉTICAS DE CASTRO ALVES,
DE SOLANO TRINDADE E DO GRAFITE CONTEMPORÂNEO**

Marcos Antônio Cruz de Araújo (UFES)
marcosletrasufes@gmail.com

1. Introdução

Neste trabalho procuramos desenvolver uma análise da presença de um aspecto dialógico da própria linguagem verbal, a discursividade parafrástica a qual está na própria raiz do discurso na medida em que se concatena com a discursividade polissêmica num processo cujo atrito está na raiz da linguagem.

Nesta empreitada analisaremos dois poemas, sendo um do poeta romântico Castro Alves e o outro do pós-modernista Solano Trindade, numa perspectiva que observa as relações ideológicas no plano parafrástico estabelecidas entre os poemas e ainda para com elementos discursivos presentes noutras modalidades discursivas mais ou menos literárias como o grafite urbano.

Para tanto, nosso empreendimento seguirá as seguintes etapas: num primeiro momento apresentaremos o conceito transdisciplinar de parafrase (Bakhtin) que guiará nossa investigação; em seguida, de acordo com o acúmulo teórico deste artigo analisaremos os poemas “A Canção do Africano”, da obra *Os Escravos*, de Castro Alves, em paralelo ao poema “Sou Negro” de Solano Trindade, o rap “Diário de um Detento”, do grupo Racionais MC’s e algumas amostras do grafite literário da Grande Vitória.

2. Da parafrase

A seguir, algumas questões relevantes em relação ao conceito de parafrase construído na esteira de teorias diversas que a discutem em diversas áreas da linguística, como a semântica, a análise de discurso e a teoria bakhtiniana.

2.1. “Os lugares do sentido”, de Hugo Mari, uma contribuição da semântica

Nesta obra, quando Mari aborda os aspectos da trajetória que vai *do cálculo do significado à produção do sentido*, no Capítulo 4, – para nossa pesquisa, o trecho mais importante da obra – primeiramente insere no seu texto os conceitos de *significado* (So) e *sentido*, em que considera o primeiro, enquanto matriz (ou amálgama de matrizes) que caracteriza o conteúdo nocional de um determinado signo, não transcende à codificação saussuriana de *conceito* em relação, arbitrária e linear, com um *significante* (Se), imagem acústica. Ao passo que o segundo, fica mais bem contemplado pelo axioma wittgensteniano que propõe que o *sentido é o uso*.

Deste modo, de maneira bem objetiva, através deste exemplo, o autor elucida possíveis confusões entre *significado* e *sentido*, como quando cita o enunciado “*O elevador está estragado. Use a escada.*” (MARI, 2008, p. 71).

Assim, esclarece que – sob as vicissitudes do signo – o enunciado terá o mesmo *significado* (sintaticamente) se encontrado no primeiro ou no último andar de um prédio; todavia, num e noutro, o *sentido* será diferente, pois no primeiro caso o sentido do enunciado é “subir pela escada” e no segundo caso o sentido é “descer pela escada”.

Em seguida, apresenta os estudos do cálculo do significado, assunto para o qual reservamos o próximo o item deste relatório.

2.1.1. O cálculo do significado

De posse da diferenciação entre *significado* e *sentido*, cabe compreender que, no âmbito do uso, os processos de produção do sentido não permitem que o significado permaneça imutável:

Os signos não funcionam, numa dada situação histórica, apenas com o substrato conceitual que se pode a eles atribuir numa dimensão puramente estrutural e linguística, ainda que esse substrato venha a tornar-se determinante para situações de uso. Eles são também produto de todo itinerário histórico que cumprem em cada instante de uso; a saber, em cada circunstância política própria, eles se deixam contaminar por aquilo que é circunstancial e momentâneo. Ao incorporar a determinação histórica, a questão da produção do sentido abre espaço, então, para uma série de fatores que afetam a percepção do sentido, fatores que se materializam, muitas vezes, mediante a manipulação do código. (MARI, 2008, p. 94).

Dessa maneira, o cálculo do significado nos propõe a busca de uma matriz conceitual para o signo, como no exemplo a seguir:

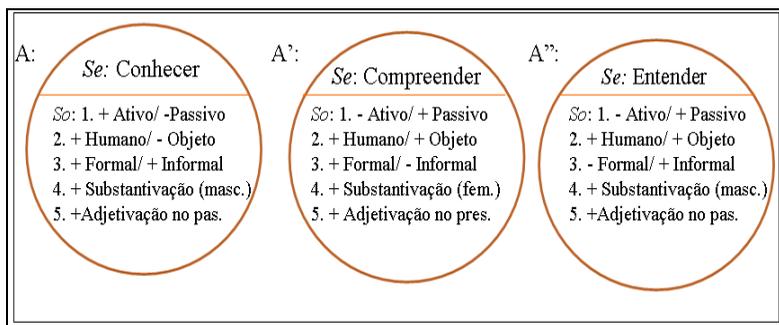


Fig. 1. Exemplo de comparação de possíveis sinônimos, na perspectiva do cálculo do significado.

Isso significa que, se no plano dos signos as diferenças emergem do exame mais acurado (do cálculo) dos significados (o caso dos sinônimos); em se tratando da paráfrase, basta sairmos do plano do signo, para o plano do enunciado, e o mesmo acontece: se o uso – *sentido* – não permite que um mesmo enunciado produza o mesmo sentido, nem mesmo no caso em que seja idêntico ao anterior, porque isso geraria um efeito de gradação, tampouco um novo enunciado pode conter o mesmo sentido de um enunciado anterior.

2.2. Abordagem discursivo-situacional, outra contribuição da semântica

Interessa-nos ainda, nos estudos desenvolvidos pelo professor Hilgert (1989), o trato do que se chama “equivalência semântica” (Eq.S.). A esse respeito, o autor afirma que a paráfrase é a reformulação de um EO, através de um ER, sendo que entre eles haja uma relação de Eq.S. de maior ou menor grau, conforme podemos observar na **Fig. 2**.

Essa figura representa bem a visão semântica da paráfrase, a qual Fuchs classificou em:

En définitive, et par-delà les différences techniques qui les séparent, les approches linguistiques globales de la paraphrase en arrivent à considérer que la paraphrase constitue une relation d'équivalence sémantique en langue, que se fonde sur l'existence d'un noyau commun (une sorte de “signifié de base” de la phrase correspondant peu ou prou au schéma prépositionnel asserté) sur lequel vient se greffer des sémantiques différentiels qui modulent di-

versement ce noyau de départ (des sortes de “signifiés secondaires” non pertinents pour l’établissement de la relation de paraphrase). (FUCHS, 1982, p. 55).

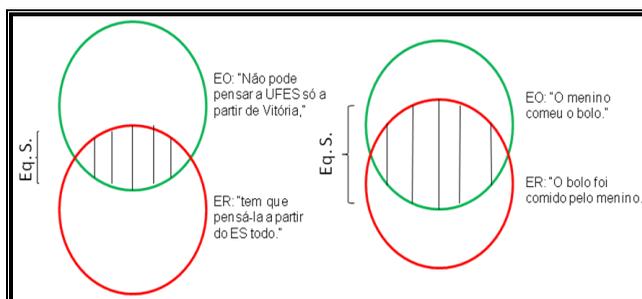


Fig. 2. Signo da Eq.S., na qual, de acordo com a natureza do enunciado, a Eq.S. pode ser maior ou menor

Decididamente, e além das diferenças técnicas que as separam, as abordagens linguísticas globais da paráfrase chegam a considerar que a paráfrase constitui uma relação de equivalência semântica em língua, que se baseia na existência de um núcleo comum (uma espécie de “significado de base” da frase correspondente pouco ou muito ao esquema proposicional afirmado) sobre o qual vêm agregar-se semantismos diferenciais que modulam diversamente esse núcleo de partida (espécies de “significados secundários” não pertinentes para o estabelecimento da relação de paráfrase). (Tradução provisória e não publicada, de José Augusto de Carvalho/UFES).

Mas há que se pensar – e o cálculo do significado corrobora essa leitura – que, de acordo com Fuchs:

Pour conclure sur l’opposition entre une caractérisation de la paraphrase en termes d’identité sémantique, et une caractérisation en termes d’équivalence sémantique, nous avancerons l’idée qu’il s’agit là d’une fausse opposition. En effet, (...) s’il est indéniable que les séquences linguistiques ne peuvent jamais être totalement identiques (mais seulement équivalentes), en revanche il est également incontrastable que, dans leur activité paraphrastique en situation, les sujets les traitent comme si elles étaient identiques: dans une telle perspective, il n’y aurait donc pas lieu d’opposer identité et équivalence, mais il faudrait au contraire distinguer, pour mieux les articuler, équivalence en langue et identification dans l’usage de la langue. (FUCHS, 1982, p. 55).

Para concluir quanto à oposição entre uma caracterização da paráfrase em termos de identidade semântica e uma caracterização em termos de equivalência semântica, salientamos a ideia (*sic*) de que se trata de uma falsa oposição. Com efeito, (...) se é inegável que as sequências linguísticas não podem nunca ser totalmente idênticas (mas somente equivalentes), em contrapartida, é igualmente incontestável que, em sua atividade parafrástica em situação, os sujeitos as tratam como se elas fossem idênticas: numa tal perspectiva, não haveria portanto lugar para opor identidade e equivalência, mas seria preciso, ao contrário, distinguir, para melhor articulá-las, equivalência em língua e

identificação no uso da língua. (Tradução provisória e não publicada, realizada, de José Augusto de Carvalho/UFES).

Isso significa dizer que não há distinção na leitura da paráfrase enquanto Eq.S. – embora esse termo apresente algum avanço em relação ao termo “identidade” – da leitura da paráfrase enquanto identidade semântica. Mas, torna-se imperioso caracterizar a paráfrase apontando sua especificidade de *equivalência e de diferença semânticas*, por ser a reformulação um processo ambivalente (semelhanças e diferenças).

Sendo assim, de posse da orientação da ambivalência da equivalência semântica, podemos propor neste trabalho que o mesmo signo de Eq.S., proposto acima na **Fig. 2**, seja reformulado para contemplar os dois aspectos de equivalência e diferença do processo de reformulação, conforme a **Fig. 3**:

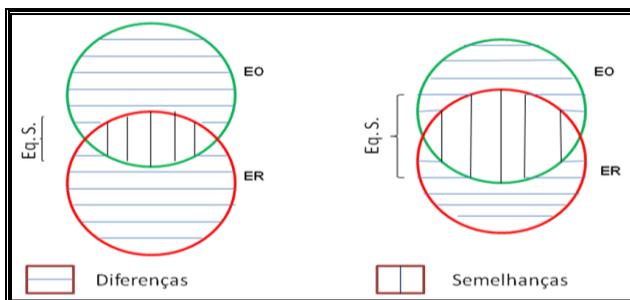


Fig. 3. Proposta de signo da Eq.S. que contemple a observação das semelhanças e das diferenças colocadas pelo uso da paráfrase.

Observe-se que, nessa figura, optamos por não utilizar exemplos de EO ou ER, pois entendemos que esses exemplos são impostos mais pelo contexto, que pela proximidade frasal das orações; isso significa dizer que, por exemplo, um caso comumente reconhecido como de grande equivalência semântica – como a transformação de orações da voz ativa para a voz passiva, por manter os mesmos signos em ordem sintática distinta – pode, se pensado na perspectiva situacional, produzir sentidos muito mais distantes que enunciados formulados com outros signos.

2.3. A equivalência semântica e o cálculo do significado sob o olhar da análise de discurso

Outra abordagem que nos interessa é a abordagem da análise de discurso. Nela, a paráfrase é entendida como um processo maior que o

processo de reconstrução de enunciados textuais, pois os enunciados não estão apenas relacionados a outros enunciados circunscritos no texto; mas, sobretudo, estão relacionados com outros enunciados situados no plano da memória discursiva, ou interdiscurso.

O sujeito é a condição discursiva do indivíduo inconscientemente interpelado pela ideologia. Essa interpelação é a própria realidade na e pela ideologia, pois sem a interpelação não há sentido e nem convenção de qualquer signo, ou símbolo, para que aconteça no plano social a interpretação.

Sobretudo, há que se pensar que o discurso (e os textos pelos quais ele se expressa) está submetido às relações de sentidos, de forças discursivas e, principalmente, sob as relações imaginárias impostas pela ideologia. Os lugares sociais e as condições de produção dos discursos submetem o sujeito.

Nessa perspectiva da ideologia, então, podemos compreender que:

Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. (...) Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco. (ORLANDI, 2003, p. 36).

Sendo assim, inferimos que a discursividade é um jogo entre manutenção e desvio de significados cristalizados na memória discursiva, ou seja, um jogo entre a tensão parafrase/polissemia, que nos permite reconstruir a **Fig. 3** e, propor sua caracterização, numa perspectiva ideológica, conforme a **Fig. 4**:

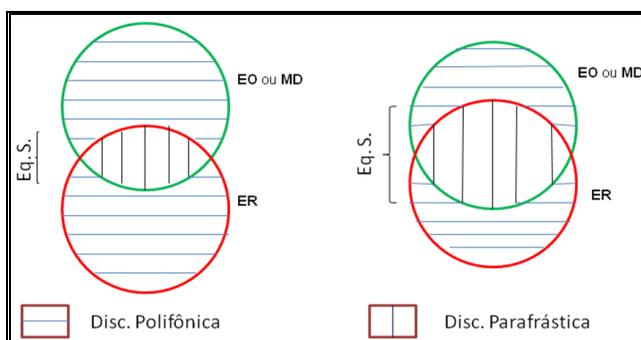


Fig. 4. Proposta do signo da Eq.S. no qual se pese a ideologia e a discursividade.

Desse jogo, conclui-se que quando o a língua inscreve o indivíduo no seu sistema semiótico e a ideologia o interpela em sujeito, essa inscri-

ção e interpelação produzem o discurso nos planos da produtividade e da criatividade, nos quais:

A “criação” em sua dimensão técnica é produtividade, reiteração de processos já cristalizados. Regida pelo processo parafrástico, a produtividade mantém o homem num retorno constante ao mesmo espaço dizível: produz a variedade do mesmo. Por exemplo, produzimos frases da nossa língua, mesmo as que não conhecemos, as que não havíamos ouvido antes, a partir de um conjunto de regras de um número determinado. Já a criatividade implica na ruptura do processo de produção da linguagem, pelo deslocamento das regras, fazendo intervir o diferente, produzindo movimentos que afetam os sujeitos e os sentidos na sua relação com a história e com a língua. Irrumpem assim sentidos diferentes. (ORLANDI, 2003, P. 37).

2.4. A refração e o signo na teoria bakhtiniana

Considerando a escola de Bakhtin, devemos empregar especial atenção ao que Bakhtin (2010) chamou de *signo*. O conceito de *signo* em Bakhtin difere contundentemente do conceito de signo saussuriano. Nesta teoria, o *signo* é o próprio constituidor do *sujeito*, pois é pela produção de sentido conseguida através do *signo* (da *palavra*) que a própria dimensão social humana se desenvolve no interior do *sujeito*, o qual raciocina com o *signo*, isto é, a palavra, a capacidade de comunicar-se pela linguagem verbal, enfim, a rede semiótica mais decisiva para qualquer pessoa: o *discurso interior* (BAKHTIN, 2010, p. 53).

Bakhtin critica o conceito de *signo* do estruturalismo composto por *significante* (Se) e *significado* (So), porque entende que esse conceito de signo está carregado de *sinalidade*. Isto é, diferente do *signo*, segundo Bakhtin, a *sinalidade* é a atitude cognitiva de se relacionar um *sinal* a um *referente*, mesmo que esse referente seja um *conceito*, isto é, um So (BAKHTIN, 2010, p. 97). Isso significa que o *signo*, como pensado numa teoria marxista da linguagem, está na própria constituição ideológica do sujeito.

Sendo assim, como concebido por Bakhtin, o *signo* está incisivamente relacionado com a *ideologia*. O próprio dizer humano, que é a construção simbólica do mundo, ou seja, a constituição de *relações imaginárias* como define Orlandi (2003), é afetado pela *ideologia*.

Desse afetamento da ideologia sobre/no sujeito, decorre um fenômeno complexo acerca do *signo*: a *refração*, que se diferencia da *reflexão* do So/Se, tal como ocorre no signo saussuriano. Na *refração*, o *signo* distorce o *sentido* para estabelecer relações de interesses ideológi-

cos. Ele não apenas reflete a realidade material, ele também a *refrata* constituindo-se um fragmento material dessa realidade.

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra (*sic*) realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia*. Um corpo físico vale por si próprio: não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. Neste caso, não se trata de ideologia. (BAKHTIN, 2010, p. 31).

Ou seja, pelo caráter refracionário no signo bakhtiniano podemos perceber como as discursividades, parafrástica e polissêmica, se friccionam num jogo semântico e ideológico no qual é a enunciação que vai fazer com que uma discursividade subjugue a outra através da *refração* do signo. A refração ocorre na própria enunciação que sendo “de natureza social” (BAKHTIN, 2010, p. 113) é o momento em que o sujeito refrata o signo, posicionando-se pelo e em relação ao assujeitamento discursivo na e pela ideologia.

Essa refração do signo linguístico está indissolúvelmente ligada ao interdiscurso e à memória discursiva:

Nenhum signo cultural, quando compreendido e dotado de um sentido, permanece isolado: torna-se parte da *unidade da consciência verbalmente construída*. A consciência tem o poder de abordá-lo verbalmente. Assim, ondas crescentes de ecos e ressonâncias verbais, como as ondulações concêntricas à superfície das águas, moldam, por assim dizer, cada um dos signos ideológicos. Toda *refração ideológica do ser em processo de formação*, seja qual for a natureza de seu material significante, *é acompanhada de uma refração ideológica verbal*, como fenômeno obrigatoriamente concomitante. A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação. (BAKHTIN, 2010, p. 38).

Esse processo de refração é objeto do sujeito que se utiliza da língua para se afirmar, interpelado pela ideologia. Como já vimos, os estudos da Análise de Discurso situam o discurso na interseção entre a discursividade parafrástica e a discursividade polissêmica. Isso significa que a orientação para um processo ou outro é determinado pela refração que articula a língua à história.

Desse jogo, podemos observar a aplicação do signo enunciativo parafrástico/polissêmico, ilustrado pela **Fig. 4**, em aplicação – inclusive – nas artes plásticas. Como exemplo, temos a obra “A Boba” da pintora cubista brasileira Anita Malfatti parafraseando “O autorretrato” de Pablo Picasso:

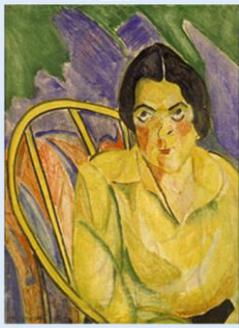
PARÁFRASE	
EO:	ER:
 <p>Auto-retrato, Pablo Picasso Galeria Nacional, Praga</p>	 <p>A Boba – Anita Malfatti</p>
<p><i>Discursividade Parafrástica:</i> 1) O traço comum ao cubismo europeu; 2) a temática autorretrato do pintor; 3) o foco no busto; e 4) a exploração diagonal da imagem.</p>	<p><i>Discursividade Polissêmica:</i> 1) A utilização de cores vividas; 2) a figura assenta-da numa cadeira; e 3) a exploração do plano diagonal no sentido superior/inferior da esquerda para a direita, ao contrário da obra de Picasso que explora a diagonal no sentido superior/inferior, porém da direita para a esquerda.</p>

Tabela 1. Análise de um exemplo de paráfrase nas artes visuais.

Ora, é evidente que as discursividades coexistem, nesse caso, acentuando as proximidades, o mesmo ocorre no exemplo a seguir, no qual o signo proposto na **Fig. 4** é aplicado a uma paródia, com a diferença de que agora o processo de refração discursiva distorce o efeito de sentido pra a discursividade polissêmica.

É claro notarmos que o quantitativo de recursos de uma ou outra discursividade não é o critério semântico para que um ou outro efeito de sentido sobressaia. O que determina é para qual discursividade o sentido vem sendo refratado no processo de enunciação.

3. *As relações parafrásticas entre Castro Alves, Solano Trindade, e o hip-hop*

Partindo do conceito de que o cânone é formado pela necessidade de uma ciência ou metodologia científica se afirmar por meio de um pro-

cesso o qual Jameson (2005) chamou de *autonomização*, esse conceito diz a respeito da reificação de um discurso técnico a respeito de um objeto.

Um dos elementos básicos para a formação de um discurso conciso é a constituição de um *cânone*. Assim como Jameson, criticamos o modelo ora apresentado, porque optamos por um entendimento da literatura mais ideológico para, através da análise de discurso, observarmos seus aspectos ideológicos nas mais diversas situações de enunciação, sejam elas canônicas ou não canônicas.

Por isso, munidos de um aparelho (AD/Bakhtin) que se permite observar a produção de sentido de uma visada crítica e ideológica podemos relacioná-lo com o conceito transdisciplinar de paráfrase, para, enfim, aplicá-lo ao *corpus* selecionado para este trabalho.

Como dito anteriormente, selecionamos os poemas de Castro Alves e de Solano Trindade, que seguem, respectivamente:

A CANÇÃO DO AFRICANO

Lá na úmida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao braseiro, no chão,
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão ...

(...)

"Minha terra é lá bem longe,
Das bandas de onde o sol vem;
Esta terra é mais bonita,
Mas à outra eu quero bem!

(...)

"Aqueles terras tão grandes,
Tão compridas como o mar,
Com suas poucas palmeiras
Dão vontade de pensar ...

"Lá todos vivem felizes,
Todos dançam no terreiro;
A gente lá não se vende
Como aqui, só por dinheiro".

O escravo calou a fala,
Porque na úmida sala
O fogo estava a apagar;
E a escrava acabou seu canto,

Pra não acordar com o pranto
O seu filhinho a sonhar!

O escravo então foi deitar-se,
Pois tinha de levantar-se
Bem antes do sol nascer,
E se tardasse, coitado,
Teria de ser surrado,
Pois bastava escravo ser.

E a cativa desgraçada
Deita seu filho, calada,
E põe-se triste a beijá-lo,
Talvez temendo que o dono
Não viesse, em meio do sono,
De seus braços arrancá-lo!

SOU NEGRO

A Dione Silva

Sou Negro
meus avós foram queimados
pelo sol da África
minh'alma recebeu o batismo dos tambores,
atabaques, gonguês e agogôs
Contaram-me que meus avós
vieram de Loanda
como mercadoria de baixo preço
plantaram cana pro senhor do engenho novo
e fundaram o primeiro Maracatu.
Depois meu avô brigou como um danado
nas terras de Zumbi
Era valente como quê
Na capoeira ou na faca
escreveu não leu
o pau comeu
Não foi um pai João
humilde e manso
Mesmo vovó não foi de brincadeira
Na guerra dos Malês
ela se destacou
Na minh'alma ficou
o samba
o batuque
o bamboleio
e o desejo de libertação...

Se tomarmos as relações parafrásticas a partir do conceito tradicional de paráfrase na literatura, como o encontrado em *Paráfrase, Pará-*

dia & Cia de Afonso Romano de Santana (1999) será difícil ver ligações estéticas entre os dois poemas, porque ali as aproximações se dão quase que necessariamente no plano da forma.

Embora esta obra apresente um conceito problematizador da paráfrase, os exemplos e as análises permanecem no plano do esquema mesmo da crítica literária, engajando-se sobre a forma e negligenciando o material discursivo.

O conceito transdisciplinar de paráfrase adotado neste trabalho nos mostra as relações parafrásticas para além das relações formais. A semântica, o cálculo do significado, a análise de discurso e a semiótica marxista bakhtiniana nos levam a pensar a paráfrase no plano da memória discursiva e da ideologia, no processo de refração do signo.

Aqui, portanto, fazemos esta opção: desviar o caminho da paráfrase formal que, por exemplo, aproximaria o poema “Tem gente com fome” de Solano Trindade com o poema “Café com pão” de Manuel Bandeira. E concentrar nossa análise nas relações político-ideológicas que se estabelecem entre os dois poemas, a saber, as relações de engajamento.

Para considerarmos o engajamento nas poesias de Castro Alves e de Solano Trindade, precisamos estabelecer um quadro parafrástico entre esses dois tipos de engajamento, de modo a lhes apontar certas peculiaridades, das quais perceberemos as que são comuns e as que são particulares em cada engajamento. Deste modo, temos a tabela seguinte:

ENGAJAMENTO	
EO: Castro Alves	ER: Solano Trindade
<i>Discursividade Parafrástica:</i> 1) Preocupação com questões raciais; 2) Preocupação com questões sócio-econômicas; 3) Uso da linguagem poética para construção da identidade de uma literatura menor.	<i>Discursividade Polissêmica:</i> 1) Castro Alves é considerado cânone, Solano Trindade, não o é; 2) Presença de traços panfletários na obra de Trindade; 3) o período histórico de cada autor e as condições de produção e circulação de cada uma das obras; 4) Impacto do engajamento de cada um na sociedade em que viveu; 5) A poesia de Castro Alves é mais autonomizada que a de Solano Trindade; 6) O poema “Canção do africano” trata a questão racial em terceira pessoa e é composto em versos heptassílabos, ao passo que o poema “Sou negro” trata-a em primeira pessoa e é composto em versos livres.

Tabela 2: Engajamento em Castro Alves e em Solano Trindade

Como percebemos na Tabela 2, temos mais pontos que diferenciam os dois autores do que os assemelham, entretanto, como já afirmamos, não é a quantidade de traços, mas como eles se apresentam no pro-

cesso de *refração* ideológica do *signo* que configuram a relação interdiscursiva como parafrástica ou polissêmica.

Desse modo, introduzimos esse pequeno trecho do RAP “Diário de um detento” do grupo Racionais MC’s que se insere justamente no contexto da discursividade parafrástica entre os discursos engajados com os problemas raciais e sociais no Brasil. Sua estética é ainda controversa, mas, assim como o grafite urbano que vem ganhando admiradores pelas galerias do mundo todo, a declamação microtonal da música RAP vem sido compreendida como *epopeia contemporânea* (NASCIMENTO: 2003, p. 14) declamada para multidões de jovens negros que se veem representados por essa estética por sentirem em suas vidas o impacto de uma cultura de falsa democracia racial.

DIÁRIO DE UM DETENTO

São Paulo, dia 1º de outubro de 1992, 8h da manhã.

‘Aqui estou, mais um dia.

(...)

Já ouviu falar de Lúcifer?

Que veio do Inferno com moral.

Um dia... no Carandiru, não... ele é só mais um.

(...)

Avise o IML, chegou o grande dia.

(...)

Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo...

quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio!

(...)

Ratatatá! sangue jorra como água.

Do ouvido, da boca e nariz.

O Senhor é meu pastor...

perdoe o que seu filho fez.

Morreu de bruços no salmo 23,

sem padre, sem repórter.

sem arma, sem socorro.

Vai pegar HIV na boca do cachorro.

Cadáveres no poço, no pátio interno.

Adolf Hitler sorri no inferno!

(...)

Mas quem vai acreditar no meu depoimento?

Dia 3 de outubro, diário de um detento.

A respeito do Hip-Hop, o professor Jorge Nascimento (UFES) assinala que essa escola estética se inscreve num tipo de fazer literário chamado *brutalista* (2003, p. 18). Essa carga violenta muitas vezes aparece através de relatos da vida na prisão e na marginalidade de algum modo. Assim como Castro Alves descreve o cativo em “A canção do

Africano”, o MC também nos relata a vida na prisão, ambiente cuja população é em sua grande maioria negra ou parda.

Vejamos os dados da Justiça brasileira acerca de sua população carcerária:

<i>ESCOLARIDADE</i>	<i>PERCENTUAL</i>
Não informado:	3%
Ana/alfabetizado:	18%
Ensino Fundamental:	59%
Ensino Médio:	18%
Ensino Superior:	1%
Pós-graduação:	0%

Tabela 3: Percentual de presos por grau de instrução em 2010 no Brasil (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA: 2011)

<i>COR/ ETNIA</i>	<i>PERCENTUAL</i>
Branca:	37%
Negra:	60%
Amarela:	01%
Indígena:	0%
Outros:	02%

Tabela 4: Percentual de presos por cor de pele/etnia em 2010 no Brasil (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA: 2011)

Assim como os textos de C. Alves e de S. Trindade o *Rap* apresentado reconstrói um lugar de sofrimento para o negro brasileiro, a senzala de C. Alves, saudosa da África; a favela de S. Trindade, saudosa da tradição africana e das lutas abolicionistas; e, agora, o presídio, saudoso da cidade por causa de sua população formada pela juventude negra e sem escolaridade das periferias brasileiras.

O *Diário de um detento* testemunha um misto de senzala, sanatório e campo de concentração vivido por esses jovens que receberam pena de reclusão para fins de ressocialização.



Fig. 5: Grafite/pichação: arquivo pessoal dos autores

Isso dialoga com o grafite encontrado no muro lateral do *Theatro Carlos Gomes*, Centro de Vitória (ES). (Veja **Fig. 5**, acima).

Desta forma, podemos perceber como cada uma dessas estéticas expressou sua forma se ver/ser negro no Brasil, de forma relativamente autêntica e relativamente filiada, de acordo com as possibilidades do seu tempo.

Se em Castro Alves a filiação ao estilo condoreiro se fez necessária para que sua obra alcançasse leitores, o moderno S. Trindade brincou mais com a forma, dialogando com os modernistas (a exemplo: o poema *Tem gente com fome* que segue o ritmo do trem, tal qual o poema *Café com pão* de Manuel Bandeira) e recontando sua identidade de uma visada heroica. Ao passo que o ressentimento da juventude dos fins do séc. XX e início do séc. XXI se vê desprovida até mesmo do direito à favela, sua casa, porque são levados para um lugar de sofrimento, uma unidade prisional, onde revivem – conscientes ou não – as dores de seus antepassados revoltados.

Ainda podemos ver os temas racial e prisional em grafites registrados no cotidiano como abaixo:



Fig. 6: Grafite registrado na parede de uma residência em Itaparica, VV.



Fig. 7 Grafite (*stencil*) registrado em Jardim da Penha, Vitória



Fig. 8 Grafite (*pichação*), Av. Fernando Ferrari, Vitória (ES)

Aqui, uma juventude registra na memória da cidade seus dizeres: desenhando o rosto do negro (Fig. 6) evoca todo o interdiscurso deste tema, inclusive os textos de Castro Alves, S. Trindade e o *rap* dos Racionais MC's. Produzindo um *stencil* (tipo de grafite feito em molde vazado – Fig. 7) questiona a impunidade histórica para os milhares de mortos da ditadura, desaparecidos e torturados nas delegacias e presídios brasileiros, além da forte expressão popular (Fig. 9) que faz emergir um sentimento de revolta bastante incisivo. Ou ainda, com uma simples caneta

(Fig. 8), denunciando as dúbias intenções do sistema de segurança pública.

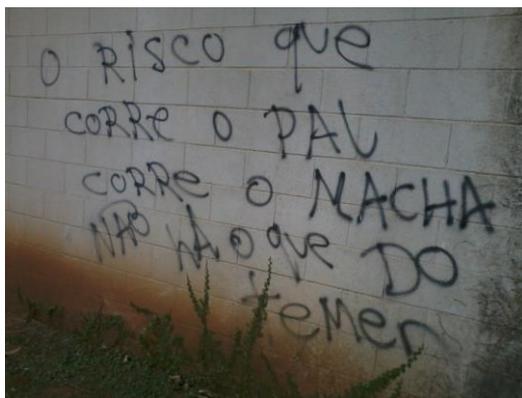


Fig. 09: Grafite registrado na Unicamp

Sendo assim, temos a síntese dos traços ideologicamente parafrásticos expostos na tabela abaixo:

Autoria:	<i>Castro Alves</i>	<i>Solano Trindade</i>	<i>Racionais MC's</i>
Traços parafrásticos:	<p><i>Discursividade Parafrástica:</i></p> <p>1) Preocupação com questões raciais;</p> <p>2) Preocupação com questões sócio-econômicas;</p> <p>3) Uso da linguagem poética (<i>romantismo</i>) para construção da identidade de uma literatura menor.</p> <p>4) Reconstrução da África com lar ideal.</p>	<p><i>Discursividade Parafrástica:</i></p> <p>1) Preocupação com questões raciais;</p> <p>2) Preocupação com questões sócio-econômicas;</p> <p>3) Uso da linguagem poética (<i>modernismo</i>) para construção da identidade de uma literatura menor.</p> <p>4) Reconstrução da história das lutas raciais para afirmação do pós-quilombo.</p>	<p><i>Discursividade Parafrástica:</i></p> <p>1) Preocupação com questões raciais; 2) Preocupação com questões sócio-econômicas; 3) Uso da linguagem poética (<i>rap</i>) para construção da identidade de uma literatura menor.</p> <p>4) Denúncia do espaço “prisão” onde o genocídio da juventude negra acontece e afirmação pelo desejo à cidade.</p>

Tabela 5: discursividade parafrástica em CA, ST e Hip-Hop

4. Conclusão

Desse acúmulo, então, podemos analisar os dois poemas considerando suas perspectivas estéticas e discursivas em oposição ao conceito tradicional de paráfrase constituído na literatura. Certamente se pensássemos nos itens levantados pela tabela 2 sob o conceito tradicional de paráfrase enquanto intertexto formal, estético-expressivo seria difícil afirmar que os dois poemas apresentados estabelecem, de fato, uma relação parafrástica. Essa dificuldade advém da própria autonomização da crítica literária que não permite que a literatura se veja analisada na perspectiva de conceitos desenvolvidos em outras teorias.

Nesse trabalho, o conceito de transdisciplinar de paráfrase ideológica não nega a existência de diferenças, pelo contrário: é a partir da aplicação do signo parafrástico transdisciplinar que os aspectos polissêmicos ficam mais evidentes. No entanto, o que é preciso destacar é que os aspectos formais, para essa concepção de paráfrase, não são os principais traços de produção de sentido. Aqui, o material semiótico se encontra de maneira privilegiada no espectro dos textos, enquanto unidades materiais do discurso que evocam e das relações que se estabelecem com a memória discursiva.

Desse modo reafirmamos que antes de tudo os dois textos estão amalgamados pelo engajamento de cunho racial, e isso é o aspecto central deles. Nesse quadro, então, estabelecemos uma equivalência semântica (Eq.S.) entre as obras destes autores nas tabelas 2 e 5.

Acrescentamos, ainda, o universo do *Hip-Hop* e do grafite para demonstrar a produção da juventude negra de maior impacto narrativo. As histórias contadas com narrativas ricas em detalhes cruéis denunciam que essa juventude em contato direto com a população carcerária, por que é a própria população carcerária, com seu estilo americanizado reconta o próprio mundo. Sobretudo, as figuras de 6 a 9 testemunham uma série de agendas estético-expressivas do grafite, expressão que, juntamente com o rap, a dança e a poesia, formam o hip-hop.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, C. Canção do Africano. In: _____. *Os Escravos*. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/calves08.html#cancao>>. Acesso em: 06-11-2012.

BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

FUCHS, C. *La paraphrase*. Paris: Press Universitaires de France, 1982.

HILGERT, J. G. A paráfrase na construção do texto falado: O caso das paráfrases em relação paradigmática com suas matrizes. In: KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português falado: Desenvolvimentos*. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 2002, v. 6, p. 143-158.

_____. *A Paráfrase: Um procedimento de constituição do diálogo*. 1989. 462 p. Dissertação (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

JAMESON, F. *Modernidade singular: ensaio sobre a ontologia do presente*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MARI, H. *Os lugares do sentido*. Campinas: Mercado de Letras, 2008. 152 p.

ORLANDI, E. P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

SANT'ANNA, A. R. de. *Paródia, Paráfrase & Cia*. São Paulo: Ática, 1999.

TRINDADE, S. *Sou negro*. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/Sou-Negro.pdf>>. Acesso em: 06-11-2012.

RACIONAIS, MC's. *Diário de um detento*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/diario-de-um-detento.html>>.